

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **SOBRE ALGUNS NOMES DE PESSOAS LUSO-VISIGODOS DERIVADOS DE NOMES DE ANIMAIS.**

PIEL, Joseph M.

Ano: 1953 | Número: 63

---

### **Como citar este documento:**

PIEL, Joseph M., Sobre alguns nomes de pessoas luso-visigodos derivados de nomes de animais. *Revista de Guimarães*, 63 (1-2) Jan.-Jun. 1953, p. 145-150

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Sobre alguns nomes de pessoas luso-visigodos derivados de nomes de animais

PELO DR. JOSEPH M. PIEL

Prof. da Universidade de Coimbra

É sabido que o onomástico primitivo germânico, como o indo-europeu em geral, apresenta um grupo relativamente importante de antropónimos tirados de denominações de animais, quadrúpedes e aves, que por quaisquer motivos (força, beleza, coragem, prudência) eram considerados idóneos para caracterizarem favoravelmente um indivíduo. Nesta breve achega pretendemos reunir e analisar sumariamente alguns antigos nomes portugueses pertencentes a esta categoria, assim como os vestígios que deixaram na toponímia hodierna (1).

Principiemos pelo mais nobre dos animais domésticos e fiel companheiro do homem: o *cavalo*, cujo nome godo, correspondente ao lat. *equus*, gr. *ἵππος*, gaul. *epo-*, etc., não está directamente atestado, podendo, no entanto inferir-se do composto *aihva-tundi* «espinheiro», que literalmente quer dizer «dente de cavalo». A forma *\*aihvs* (leia-se *éhvs*), assim restituída, entra no nome medieval *Euenando*,

---

(1) Alguns elementos desta achega foram hauridos nos trabalhos de Meyer-Lübke (*Romanische Namenstudien*, I), Sachs (*Die germanischen Ortsnamen in Spanien und Portugal*) e Piel (*Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*).

As formas medievais são citadas segundo o *Onomástico Medieval* de A. A. Cortesão. Para mais exacta localização dos nomes de lugar modernos remetemos para o *Dicionário Postal* de Silva Lopes e o *Corográfico* de Américo Costa,

*Euenanto*, *Emuenandus*, *Enuenando* (séc. xi). A variante *Euenendo* 1004, com *e*, deve representar uma má leitura ou gralha. O segundo componente de *Evenandus* exprime a ideia de «audácia», podendo o nome, pois, ser traduzido com «o audaz como um cavalo», embora o carácter geral da composição onomástica germânica, algo diferente da do grego, se deva considerar mais próximo do que a gramática índia designa por *dvanda*, ou seja composição simplesmente copulativa, sem que exista propriamente um determinante e um determinante. (1)

Podem apontar-se mais dois nomes constituídos com o mesmo tema *ev(e)*-.: \**Evoricus*, representado pelo patronímico *Euoriquizi*, *Euoriquiz*, *Euoriquici*, *Euoriguiz*, variantes que estão documentadas em fontes do séc. xi, assim como *Euosindo*, de 955. Significando *sind* «caminho, expedição», talvez não seja descabido lembrar que a grande migração dos visigodos, que os levou das margens do Mar Negro ao Estreito de Gibraltar, deveria ser dificilmente realizável sem o concurso de cavalos.

*Evenando* e *Evorico* (diga-se de passagem que este último nome é idêntico ao de *Evarix*, filho do rei ostrogodo Teodorico) tiveram o destino de centenas de nomes medievais germânico-portugueses: perderam-se na qualidade de antropónimos, mas antes tiveram ainda tempo de se enraizarem como nomes de lugares. Os topónimos a que aludo são *Enviande* (no conc. de Oliveira de Frades), a que correspondem, na Galiza, *Embeande* e *Embiande*, assim como *Varia*, ant. *Voriz* 1258, freg. do conc. de Mogadouro. De *Evosindo* parece que não existe vestígio.

Parece, embora não se possa afirmar com segurança, que o frequente elemento final *-mar*, que ocorre

(1) Veja-se sobre este problema o estudo de Edward Schröder, *Grundgesetze für die Komposition der altheutschen Personennamen* (Göttingen, 1940), pp. 33-34. É verdade que, recentemente, A. Scherer, nos *Beiträge zur Namenforschung IV*, 1953, p. 3, volta a admitir a existência de um conteúdo lógico (*Sinngehalt*) em certas categorias de nomes.

p. ex. em *Baldomarus, Gundemarus, Leodemarus, Gresomarus*, etc., representa outro nome do cavalo: \**marhs*.

Entre os animais selvagens, o *bisão* ou *bisonte*, que antigamente povoava vastas zonas da Europa Central e Oriental, deu motivo a nomes de homens. Ao ant. alto-alem. *wisunt* (cf. mod. *wisent*) deveria corresponder em gótico uma forma \**wisands*, a qual explica certamente o nome medieval *Uisando* 950 = \**Guisandus*, pedido pelo top. ant. *Guisandi* (1220), mod. *Guisande*, nome de quatro terras portuguesas e mais sete da Galiza. É possível que nos antigos nomes geográficos *Urufe* (séc. xv) e *Urgildi* 1220 = mod. *Urgil*, no conc. de Sinfães (1), a primeira sílaba corresponda ao nome do boi selvagem, que os latinos adoptaram com a forma *urus*.

Outro representante característico da fauna primitiva, temido e admirado pela sua força, vem a ser o *urso*: got \**baira* (denominação que reconhecemos através do composto *baira-bagms* « moreira »), cujo nome se tornou o protótipo de uma longa série de antropónimos: *Bera* 968, *Berilli* 1076, *Berulfus* (cf. *Berulfiz* 1008), *Vermudus* 915, etc., que por sua vez se fixaram como nomes de numerosas terras: *Vera* (4), *Brufe* (5), *Vermoim*, etc. Schröder vê um testemunho do primitivo carácter místico-poético do nome do urso no facto de, no anglo-saxão, *beorn* ter deixado de designar este animal para adoptar a significação de « herói, guerreiro » e, mais tarde, de « jovem ».

Não pode evidentemente faltar, nesta ordem de ideias, o *lobo*: *wulfs*, que forneceu um dos elementos mais fecundos de todo o onomástico germânico, facto atestado por muitas dezenas de nomes medievos em *-ulfus*, *-ulfo*, *-ufo*, e top. modernos em *-ufe*, *-ulfe*, *-urfe*: *Adaufe*, *Argufe*, *Estrufe*, *Gondufe*, *Freijulfe*, *Sesulfe*, *Almurfe*, etc. Em face desta difusão, na qualidade de segundo componente, pode causar estranheza a sus relativa raridade como tema inicial.

(1) Refiro-me a outra possibilidade de explicação em *Nomes germ.*, n.º 1358.

Citemos *Gulfe*, *Golfar* (4), o gal. *Golfariz* e o ant. *Golfamir*. O top. galego *Gulfian* merece uma menção especial, pois corresponde ao acusativo em *-anem* de um nome famoso nos anais históricos dos godos: *Wulfila*, o erudito primaz que traduziu grandes partes da Bíblia, tradução que vem a ser praticamente o único monumento literário daquela língua, sem o qual quase nada saberíamos a seu respeito.

Deve ser igualmente muito antigo o emprego simbólico do nome do *javalí*: gót. \**ibr-s* (=ant. alto-alem. *ebur*, mod. *eber*). O único exemplo hispânico citado por Sachs, p. 70, é o nome do antigo mosteiro asturiano (Oviedo) de *Fontis Ewaldi* (séc. XII), o qual, porém, não vem a propósito, pois trata-se de uma fundação do famoso cenóbio francês de *Fontévrault*. Em contrapartida, citemos os nomes masc. *Ebreguldus* a. 870 e *Ebregulfo* (patronímico *Ebregulfia*), assim como o femin. *Ebraili*, *Ibraili*, *Braili*, *Ebrilli* e *Ebrili* (séc. X e XI). Em *Ebregulfo* «javalí-lobo» pode ver-se uma confirmação do que dissemos acima a respeito do carácter «*dvanda*» dos mais antigos nomes germânicos, pois entre os dois elementos que constituem aquela forma, não existe, evidentemente, nexa de carácter lógico-gramatical. Não deixa de ferir um pouco a nossa sensibilidade ver o chamadoiro do porco montês promovido a nome de mulher. No entanto, querendo dizer *-ül(l)i* o mesmo que *-ildi*, ou seja «protecção», não teria porventura *Ebra-ildi* aludido originariamente ao poder mágico, exercido pela mulher, de preservar os campos da praga dos javalis? Este nome perdura, aliás, também na toponímia: *Brailhe* (lugar do conc. de Paredes), com aférese do *e* inicial de que já reconhecemos um indício na variante antiga *Braili*, acima apontada. Também *Bragunda* (conc. de Ponte de Lima) remonta certamente a um antropónimo formado com *ebr(a)*.

O léxico antroponímico dos documentos medievais portugueses dos séc. X-XI apresenta um elemento inicial *eg-*, *ig-*, *ik-*, como em *Igo*, *Igu*, *Iquila*, (*-ani*), *Ikila*, *Ícila*, *Iczila*, formas que lembram o nome ostrogodo *Igila*, que Wrede propôs se identificasse com o nome do *ouríço*: ant. alto-alem. *igil*, mod. *igel.*, ant. island. *igul*, etc. Esta etimologia

parece-nos, porém, um tanto aventurada <sup>(1)</sup>. É verdade que uma composição como *Igulfu* (a. 1032), quanto ao seu conteúdo semântico, evocaria a de *Ebregulfo*, acima referida, onde vamos encontrar também dois nomes de animais associados.

No reino das aves, a *águia*, ave heráldica por excelência, que simbolizava força e majestade, convidava como nenhuma outra a ser integrada no léxico onomástico. Em gótico o seu nome era *ara* (cf. ant. alto-alem. *aro*, mod. *aar*), filiando-se nesta forma o primeiro componente do nome antigo *Aragunti* (*Aracunti*, *Aracunte*) que, contrariamente à indicação de Cortesão, deve ser feminino (como sucede em geral com os nomes em *-i* quando no nominativo), e que sobrevive na toponímia com as formas *Argonde* e *Argonte*. Acrescentemos *Arufe*, nome de três terras portuguesas, que se explica pelo genitivo do ant. *Arulfus*, a. 957, fornecendo outro exemplo da simbiose de dois termos pertencentes ao reino animal, assim como *Arnil* (de *Aramiri*) e os ant. *Aragildi*, *Aravandi* | *Argandi* e *Fonte Arili* (< \**Ar-hildi*), este último certamente feminino e comparável ao citado *Ebrili*.

Cabe ainda mencionar outra ave que teve o privilégio de entrar na antroponímia: o lendário *corvo*, inseparável do culto de *Votão* (que se representava com uma destas aves em cada ombro) e símbolo da sabedoria. Na França encontramos o seu nome, aplicado a homens, a partir do séc. v, com a forma *Chramnus*, conhecida também entre os longobardos e borgúndios. Para o gótico teríamos de admitir uma forma \**hrabn-s*, em conformidade com o ant. alto-alem. *hraban*, mod. *rabe*, cujos vestígios onomásticos, porém, não deixam de ser modestos. Apenas podemos aduzir *Rabaldu*, num doc. do séc. XIII, protótipo do nome de lugar *Rabaldo* (conc. de Barcelos), e *Gondramaz* (Vila Verde e Miranda do Corvo), que lembra o ant. *Gundhrannus*, nome de um rei franco do séc. VI. Esta hipótese parece tanto mais verosí-

(1) Ver a bibliografia no Dicionário de S. Feist, s. v. *Igila*.

mil quanto é certo que também o ant. alto-alemão conhecia, a par de *hraban*, a variante evoluída *hram*. O *-az* de *Gondramaz* indicaria um antigo patronímico em *-aci*.

Para terminar estas leves notas, evoquemos ainda o nome da *gralha*: gót. *hruk* (cf. ant. island. *hrauk-r* «corvo marinho»), que possivelmente entra na formação dos topónimos *Rocamondo* (Guarda) e *Rocamonde* (Lousada), antigo nome de possessor atestado com a forma do patronímico *Rocemondiz*, no séc. XIII. O facto de os borgúndios, povo estreitamente aparentado com o visigodo (segundo bem reconheceu Gamillscheg), possuírem nomes constituídos com este elemento, tornaria muito plausível a explicação sugerida.